



#VAMOVIRARUM2020SEMPRECONCEITO? – imagem-currículo e cultura visual

#VAMOVIRARUM2020SEMPRECONCEITO? – curriculum-image and visual culture

Anderson Ferrariⁱ

Universidade Federal de Juiz Fora

Danilo Araújo de Oliveiraⁱⁱ

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

A partir dos estudos da cultura visual, da contribuição do campo teórico curricular e apoiados nas teorias pós-críticas, analisamos o funcionamento de uma imagem-currículo. O artigo explora a necessidade de atenção para as experiências diárias do visual, as contribuições da imagem para o campo da educação, focando nos processos educativos dos currículos que acontecem e estão em funcionamento no cotidiano. Assim, desenvolvemos o argumento de que a imagem-currículo aqui investigada introduz questionamentos e fabrica lacunas no pensamento, modificando o que é visto e dito, o que se vê e o que se diz, o que se faz e o que se pode fazer com que os sujeitos pensam sobre as verdades às quais eles se vinculam e sobre o que pensam sobre si mesmos.

Palavras-chave: Imagem, Cultura visual, Currículo.

Abstract

Based on the studies of visual culture, the contribution of the theoretical curriculum field and supported by post-critical theories, we analyze the functioning of a curriculum image. The article explores the need for attention to the daily experiences of the visual, the contributions of the image to the field of education, focusing on the educational processes of the curricula that happen and are functioning in everyday life. Thus, we developed the argument that the curriculum-image investigated here introduces questions and makes gaps in thinking, modifying what is seen and said, what you see and what you say, what is done and what can be done with what the subjects think of the truths to which they are linked and of what they think about themselves.

Keywords: Image, Visual culture, Curriculum.

Enviado em: 16/03/20 - Aprovado em: 30/03/20

Introdução



Figura 01. Campanha pró-diversidade do Festival Réveillon Salvador (Reprodução).

Foi com essa imagem (figura 1) estampada nas traseiras dos ônibus que circularam pela cidade que a prefeitura de Salvador fez a propaganda da festa do final de ano de 2019. A fotografia dos dois homens brancos abraçados, felizes e à vontade com essa postura, seguida do *slogan* #VAMOVIRARUM2020SEMPRECONCEITO? se constituiu como um convite para a reflexão, pois era direcionada à população.

O formato escolhido para exibição da imagem sugere muito sobre um investimento na *visibilidade e frequência*, porque os veículos circulam constantemente na cidade, revelando a reiteração de um dito para a *produção de uma verdade outra*. Entendemos que a reiteração de algo é um efeito de poder, traduzindo-se, em determinados contextos, como uma performatividade. Butler (2018, p. 35) afirma que a performatividade diz também de uma característica dos enunciados linguísticos – aqui composto pela frase #VamosVirarUm2020SemPreconceito e pela fotografia dos dois homens brancos abraçados – que “no momento da enunciação, faz alguma coisa acontecer ou traz algum fenômeno à existência”. Além dessa característica, o modelo de divulgação em questão *busca alcançar um público variado e grande*, tendo em vista que não somente os/as usuários/as de ônibus são alcançados/as pela imagem. *A localização da imagem é estratégica*, pois é um campo de visão grande e atraente para pedestres, passageiros, motoristas etc. Com apenas uma frase e uma fotografia, a composição da

imagem reduz o tempo de leitura da mensagem, possibilitando uma *compreensão e fixação mais rápida de quem a visualiza*.

Considerando esses apontamentos, podemos dizer que a imagem em questão é um produto cultural com um forte apelo pedagógico e que não busca apenas uma aproximação com o indivíduo para estabelecer uma relação, mas também pretende provocá-lo e até constituir um sujeito específico, ao corporificar estratégias com uma determinada estrutura narrativa. Nessa perspectiva, afirmamos que há uma *presença pedagógica na imagem* divulgada pela prefeitura de Salvador. Consideramos como efeito dessa constatação que uma

pedagogia da imagem, da comunicação e do diálogo não prescreve usos nem induz à assimilação de novas mídias. Ela não pretende ser uma atualização pedagógica. Corre em outra via. É uma pedagogia do relacionamento, que busca conexões para integrar a extensa rede de visualidades que, entrelaçadas, exibem a cotidianidade dos currículos como pontos de encontro, aproximativa do que é criativo e vivificador na expressão dos praticantes (BERINO et al., 2009, p. 104, grifo do autor).

A cotidianidade dos currículos é por nós entendida como o funcionamento do currículo, que acontece no dia a dia da escola, escapando dos regulamentos e do conjunto de conteúdos previstos para serem ensinados, organizados/estruturados, mas podem ser também e, principalmente, os currículos em funcionamento no cotidiano. Trata-se das muitas pedagogias que nos tomam, ensinam-nos e instauram problematizações nos entendimentos que temos acerca de nós mesmos e das verdades às quais nos vinculamos. Pedagogias como as da imagem que aqui estamos discutindo que, no cotidiano, ensinam, produzem verdades, questionam, problematizam, constituindo-se currículo. Assim como Jorge Larossa (1994, p. 36), estamos considerando como práticas pedagógicas “aquelas nas quais se produz ou se transforma a experiência que as pessoas têm de si mesmas”. Nesse sentido, “o importante não é que se aprenda algo ‘exterior’, um corpo de conhecimentos, mas que se elabore ou reelabore alguma forma de relação reflexiva do ‘educando’ consigo mesmo” (idem). Os estudos pós-críticos continuam operando com esse entendimento, defendendo a “ampliação das noções de currículo e de pedagogia para que sejam incorporados nas pesquisas educacionais estudos de outros ambientes educativos que não o escolar” (PARAÍSO, 2007, p. 23). Assim, apoiados nesses estudos, podemos chegar à seguinte conclusão: “há currículo onde há pedagogia” (PARAÍSO, 2010, p. 37).

Esse sentido de currículo toma como análise os processos educativos e curriculares como algo que ocorre para além das escolas, mas também se relaciona com

elas. Fazer um 2020 sem preconceito também envolve o trabalho realizado nas escolas através da identificação e reconhecimento dos preconceitos que nos povoam para assim problematizar suas origens e pensar formas de combatê-los. As teorias pós-críticas do currículo investem na multiplicação de sentidos que nos convidam a ampliar as possibilidades de transgressão e de subversão daquilo que tem sido significado na educação (PARAÍSO, 2004).

O *busdoor* da prefeitura de Salvador compõe as produções da mídia que invadem "o nosso cotidiano, nos expõem, nos ensinam modos de ser, pensar, estar e agir, divulgam conhecimentos sobre nós mesmos e sobre outras pessoas; demonstram valores, normas e procedimentos a serem adotados no nosso cotidiano" (PARAÍSO, 2007, p. 24). Assim, defendendo que a imagem divulgada é um currículo em funcionamento no cotidiano, passaremos a nos referir a ela como uma imagem-curículo.

Desse modo, concordamos com Amorim (2012) que "imagens são disparadoras de diários, de flagrantes invenções do/no/com os cotidianos" (AMORIM, 2012, p. 52). Os cotidianos provocados pelas imagens podem estar propícios a momentos de fugas, escapes e desvios, assim como podem ser a "oportunidade da desobrigação, da reparação e da criação, diante das metas impostas e dos horizontes prescritos" (BERINO et al., 2009, p. 103).

Uma imagem-curículo que nos vincula também aos estudos da Cultura Visual, pois essa área do conhecimento vem se dedicando a problematizar como a imagem "está relacionada à interpretação e à retórica", a formas de ensinar e aprender (MARTINS, 2006, p. 69). Segundo Raimundo Martins (2006, p. 69), a preocupação dos estudos de Cultura Visual é "saber o quê e como as imagens significam enquanto signos e símbolos, qual o segredo de sua vitalidade", o que nos faz colocar sob investigação quais os efeitos de poder dessa imagem da prefeitura de Salvador, de que maneira ela é capaz de afetar os sujeitos, seus comportamentos e suas emoções, provocando reações e mudanças, convocando para uma nova forma de pensar, ser e estar no mundo.

Ao estabelecer esse foco de análise, tomamos essa imagem-curículo como lugar de ensinar e aprender. Assim, estamos nos aproximando de uma perspectiva de educação que ultrapassa o que acontece nas escolas, mas implica a educação dos sujeitos em diferentes espaços e ocasiões por diversos artefatos culturais, defendendo que estamos, o tempo todo, sendo educados pelo olhar, pelas imagens, por aquilo que somos capazes de ver e significar. Esse entendimento de educação inspirado nas perspectivas pós-críticas nos possibilita pensar a imagem-curículo em sua relação com a

constituição dos sujeitos, naquilo que é ensinado e diz respeito ao processo de olhar, ver e significar.

Nesse sentido, os gêneros e as orientações sexuais também se aprendem por esses meios, uma vez que são processos de construção engendrados na cultura. Ser homem e ser mulher, assim como ser heterossexual e homossexual, varia de cultura para cultura e dentro de uma mesma cultura, assim como se diferencia em diferentes temporalidades. É possível afirmar que Salvador é uma cidade conhecida pela fluidez das masculinidades, muitas vezes sendo considerada como uma cidade gay, sobretudo para a comunidade masculina. Não por acaso, a imagem escolhida retrata dois homens, silenciando as lesbianidades e outras orientações sexuais que parecem não ser convidadas, pela imagem, a viver um 2020 sem preconceito.

Para a reflexão aqui proposta, o artigo está organizado em duas partes. Na primeira, discutimos sobre a cultura visual e os processos educativos dos sujeitos para ampliar nossa possibilidade de compreensão sobre a imagem-currículo aqui sob investigação. Assim, podemos analisar a imagem em si e seus investimentos em formas de saber e constituir sujeitos. Na segunda, trabalharemos com os efeitos da imagem-currículo nos sujeitos, tomando a imagem-currículo como espaço-tempo que ensina, que se aprende e que modifica o sujeito (LAROSSA, 1994).

Cultura Visual e a educação das sexualidades

A imagem-currículo que estamos tomando como análise é todo espaço de propaganda criado para ocupar a traseira do ônibus, o que significa dizer que não se trata somente dos dois homens brancos abraçados, mas também de todas as outras informações escritas que compõem o todo da imagem-currículo. Isso é importante de se considerar, visto o resultado de significação que o todo adquire. Se pensarmos apenas nos dois homens abraçados, isso pode dizer pouco sobre o que a propaganda pretende como resultado, considerando que dois homens abraçados podem ser “lidos” como dois amigos, dois irmãos, ou mesmo pai e filho, muito embora esse não seja um ato muito estimulado entre homens (LOURO, 2015).

Um exemplo desses impedimentos em torno dos corpos masculinos pode ser evidenciado no caso ocorrido no interior de São Paulo quando, confundidos como um casal gay, um pai e seu filho foram espancados, tendo o pai perdido uma orelha¹. Dessa

¹ O caso, ocorrido durante uma feira agropecuária em São João da Boa Vista, no interior de São Paulo, e foi amplamente divulgado na mídia impressa como um caso atribuído à homofobia por ter sido uma agressão motivada pela aversão das manifestações públicas de homossexualidade que marcam nossa sociedade.

forma, o simples fato de haver dois homens abraçados pode conduzir, de imediato, para a homossexualidade. Mas isso não é garantia. A situação se modifica em função da frase ao lado que remete ao combate ao preconceito. Em nenhum lugar da imagem, encontramos menção explícita à palavra homossexual ou homossexualidade. A única palavra que nos liga à homossexualidade é “preconceito”, uma realidade conhecida tanto pela comunidade LGBT quanto pela população de forma geral, em função dos constantes casos que são noticiados nas mídias e do alto número de mortes e agressões que tornam o Brasil campeão quando o assunto é a LGBTfobia.

Desse modo, para a imagem remeter à homossexualidade, é necessário acionar memórias, outras imagens e informações que a complementam. Só a partir dessa associação entre imagens e informações com outras realidades que atingem a comunidade LGBT, seremos capazes de construir um 2020 sem preconceito. Pensando nas vidas precárias, naquelas que não são dignas de luto, Judith Butler (2018a) nos provoca a pensar na dor dos “outros”. A imagem-curriculo também busca uma aproximação com a dor dos outros, com a dor do preconceito que atinge tantas comunidades e, em especial nesta análise, com a dor do preconceito que atinge os homossexuais. Como parte dessa provocação, Butler afirma: “é que a maneira pela qual respondemos à dor dos outros e se o fazemos, e a maneira como formulamos críticas morais e articulamos análises políticas dependem de certo campo de realidade perceptível já ter sido estabelecido” (BUTLER, 2018a, p. 100). De acordo com Butler, podemos afirmar que, para fazer um 2020 sem preconceito, há necessidade de uma percepção dos preconceitos já ter sido estabelecida, algo que diz de um entendimento do que cabe aos gêneros na sua construção e diálogo com as orientações sexuais.

Os gêneros e os nossos entendimentos de gênero e sexualidade dialogam com o social, são organizadores sociais (SCOTT, 1995). Na nossa sociedade, mais do que relação entre gênero e sexualidade, há um certo embaralhamento entre essas duas expressões, de maneira que “ser homem” significa ser heterossexual, como se o conceito de homem se construísse concomitante à característica heterossexual. Ser homossexual parece não pertencer ao gênero, como se o homossexual não fosse homem e se constituísse um terceiro gênero.

Como nos ensina Michel Foucault (1988), a sexualidade é um dispositivo, algo que se constrói cotidianamente por meio de uma rede que engloba discurso, saberes,

Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/07/confundidos-com-casal-gay-pai-e-filho-sao-espancados-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

poderes, imagens, normas, instituições, enfim, toda uma rede que, no seu conjunto, constitui os entendimentos das sexualidades. Essa propaganda da prefeitura de Salvador é também resultado desse dispositivo da sexualidade. Ao ser uma imagem-currículo, ela contribui com o entendimento de sexualidade, na mesma medida em que ela só pode ser entendida em função do que já foi construído sobre sexualidade. O combate ao preconceito que a imagem propõe diz de um investimento na mudança, da necessidade da compreensão que vivemos em um país preconceituoso, havendo necessidade de mudarmos esse quadro que afeta um grande número de pessoas.

É nesse sentido que essa imagem-currículo se liga às propostas da cultura visual como estamos defendendo. A mudança de postura que está na organização da imagem-currículo não diz somente de uma ação do fotógrafo (autor da imagem) e daqueles que estão vendo - os espectadores - nas suas ações de interpretar, mas a própria imagem se converte em uma cena estruturadora da interpretação, que pode colocar sob suspeita o que eles sabem e perturbar tanto aquele que produziu a imagem quanto os sujeitos que a olham. Dias (2006) argumenta que “é evidente que desenvolver novas abordagens analíticas sobre os modos de ver é, atualmente, uma ação importante e um desafio crucial para a maioria das disciplinas acadêmicas, mas, incontestavelmente, é um assunto essencial para a arte/educação contemporânea” (DIAS, 2006, p. 102).

A citação de Belidson Dias (2006) acima é ancorada em algumas constatações do autor que justificam a defesa pelo trabalho com as imagens nas escolas em diferentes disciplinas para colocar sob suspeita nossas formas de produzir imagens, de vermos e de sermos vistos. Uma dessas constatações é a de que as práticas cotidianas da arte e da educação em todos os segmentos “são marcadas pela negligência com a experiência cultural do cinema, o descaso com questões de gênero, assim como a ocultação e dissimulação do assunto sexualidade” (DIAS, 2006, p. 102). Constatação que adquire mais força, uma vez que as “questões de visualidade, representação de gênero e a sexualidade são centrais nos debates da nossa vida diária” (DIAS, 2006, p. 102). O que vemos quando enxergamos dois homens abraçados, seguidos de um convite para fazermos um 2020 sem preconceito? Como essa imagem nos serve como um espelho que nos possibilita olhar nelas, sejamos homossexuais ou não, ou seja, como a imagem nos olha? São perguntas que respondemos quando olhamos para essa imagem que estamos tomando como provocação. São essas relações que explicam o entendimento de “educação da cultura visual”, uma área recente que envolve as práticas pedagógicas de ver e ser visto, que tomam as “representações visuais do cotidiano como os elementos centrais que estimulam práticas de produção, apreciação e crítica de artes e que

desenvolvem cognição, imaginação, consciência social e sentimento de justiça” (DIAS, 2006, p. 103).

A imagem não fala por si só. Ela só consegue transmitir alguma mensagem na medida em que acionamos outras imagens, informações e sentimentos para ler o que está sendo sugerido. Não podemos deixar de entender que ela é uma produção, ou seja, demonstra intencionalidades que dialogam com o contexto em que se insere. Se Salvador é uma das cidades que mais recebe turistas no verão, também é uma cidade que possui uma vida social intensa e uma cena LGBT conhecida, o que atrai muitos membros dessa comunidade em busca de diversão e relações afetivas e sexuais. Segundo levantamento realizado pela revista *Época*, Salvador é uma das cidades que mais recebem turistas interessados nas possibilidades que a cidade oferece para a comunidade LGBT². Mas Salvador também é composta por uma das sociedades que mais mata LGBTs conforme o Grupo Gay da Bahia (GGB). De acordo com o relatório anual do GGB, o Brasil registrou 141 mortes de pessoas LGBT em 2019, sendo “126 homicídios e 15 suicídios, o que representa a média de uma morte a cada 23 horas”³. A Bahia, na estimativa, ocupou o segundo lugar entre os estados brasileiros que mais matam a população LGBT, ficando atrás apenas de São Paulo. É essa realidade paradoxal (a cidade recebe muitos turistas e possui uma cena gay intensa ao mesmo tempo que é a capital do segundo estado que mais mata LGBTs) que é colocada em destaque na imagem e que nos convida ao sentimento de justiça que ela provoca na medida em que está afirmando que vidas LGBTs importam, merecem circular pela cidade sem medo, têm o direito de expressar suas afetividades em público sem agressão e lutam por modificar as representações de anormalidade que as marcam.

Essa imagem-currículo pode ser melhor entendida em meio à discussão sobre a cultura visual, um campo de pesquisa que investiga a construção social da experiência visual. Esse campo surgiu através de uma proposta de atenção para a visualização do cotidiano para além do que eram os estudos centrados nas Belas Artes e nas culturas de elite, defendendo a necessidade de atenção para as experiências diárias do visual. A cultura visual também se caracteriza por negar os limites entre essas diferentes formas

² Segundo a revista, o Brasil é um dos destinos mais procurados para o turismo gay no mundo, com destaque para Salvador que conta com uma rede de hotéis e albergues destinados ao público gay, além de sites especializados, o que facilita a vivência das experiências homossexuais pela cidade. Disponível em: <<https://www.ibahia.com/bahia/detalhe/noticia/cidades-gay-friendly-aquecem-turismo-lgbt-na-bahia/>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

³ Dados retirados da reportagem: <<https://agenciaaids.com.br/noticia/retrospectiva-2019-brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt/>> Acesso em: 07 mar. 2020.

de produção das imagens, de modo que se interessa por todos os artefatos culturais, novas tecnologias e instituições de produção e difusão do visual.

É nesse entendimento de cultura visual que queremos vincular a imagem que estamos analisando, tomando-a como uma representação visual, ou seja, como um local em que ocorrem a produção e a circulação de sentidos, da mesma forma que ela é resultado e faz parte de eventos sociais e históricos, não se limitando a uma simples reflexão. Ela produz um novo sentido para as homossexualidades e para o ano de 2020. Não por acaso, os dois homens brancos estão em público, são vistos abraçados, sorrindo, felizes, tranquilos, bem diferente das expressões de medo que tomam a comunidade LGBT quando se abraça em público. Ela propõe uma ruptura que dialoga com uma certa continuidade. Ao propor um 2020 diferente, sem preconceito, ela denuncia uma certa continuidade histórica que vem marcando ano após ano a sociedade brasileira, que é capaz de caracterizá-la como preconceituosa. A ruptura só é entendida em função dessa continuidade, ao mesmo tempo que ela também pretende uma continuidade, ou seja, que a ausência de preconceito não seja uma marca somente do ano de 2020, mas que estabeleça uma continuidade e que se desdobre em outros anos, em um movimento de provocação para transformar a sociedade brasileira em mais igualitária e respeitosa com a comunidade LGBT.

Há um processo educativo na cultura visual e no seu investimento em discutir a produção dos sujeitos pelas imagens que implica currículos mais inclusivos que deem conta de discutir diferentes formas de produção da cultura visual. A produção dessa imagem-currículo e a forma em que foi divulgada nos servem para reconhecer que, na atualidade, novas configurações culturais têm concorrido com a escola pela função de educar. Fotografia, cinema, televisão, propaganda, enfim, diferentes artefatos culturais que investem na produção e divulgação de imagens passam a ser reconhecidos como “máquinas de ensinar” (GIROUX, 2001).

Assim, é possível pensar que essa imagem tenha chegado às escolas e que as alunas e os alunos tenham discutido sobre seus efeitos durante o recreio ou entre uma aula e outra. No entanto, queremos afirmar a necessidade dessa reflexão no espaço da sala de aula com base na perspectiva da educação da cultura visual que defende que a produção de imagens no cotidiano pode ser estudada e problematizada na medida em que estabelece diálogo com as diferentes disciplinas que compõem o currículo escolar.

A educação da cultura visual situa questões, institui problemas e visualiza possibilidades para a educação em geral, características que não encontramos destacadas atualmente em nenhum outro lugar do currículo em arte/educação. Isso

ocorre porque ela conduz os sujeitos à consciência crítica e à crítica social como um diálogo preliminar que, por sua vez, conduz à compreensão e, então, à ação (DIAS, 2006, p. 104).

A imagem-currículo suscita à ação, porque ela provoca um posicionamento e, nesse sentido, implica a escola e a educação de forma geral no seu trabalho de posicionamento crítico em relação à produção e circulação de imagens. O que está sendo investido é uma certa consciência crítica que conduza à ação. Não há o direcionamento a um sujeito em especial, mas a todas e a todos que são capazes de entrar em contato com um entendimento de sociedade e uma necessidade de mudança social a partir da propaganda. A imagem sugere que nós construímos o que chamamos de "realidade", portanto somos capazes de modificá-la. Desse modo, somos convidados a alterar o quadro de preconceito que marca nossa sociedade a partir de uma visão crítica de sua construção e da ação assentada na resistência e combate ao preconceito. Dias (2006) afirma que "necessariamente, a educação da cultura visual incentiva consumidores passivos a se tornarem produtores ativos da cultura, resistindo no processo às estruturas hegemônicas dos regimes discursivos da visualidade" (DIAS, 2006, p. 104).

Defender a existência da imagem-currículo também é considerá-la como uma produção discursiva. Na perspectiva foucaultiana, discurso é entendido como práticas atravessadas por relações de saber-poder, capazes de produzir formas de sujeição pelo conhecimento (FOUCAULT, 1988). Que discurso essa imagem-currículo coloca em circulação? Minimamente podemos responder que há dois discursos que estão em circulação nessa imagem-currículo: um que investe em uma outra relação com as homossexualidades e outro que limita esse entendimento a homens brancos. Tratando-se de Salvador, uma cidade conhecida pela sua população negra, diretamente ligada à história colonial brasileira que ainda deixa sua marca no preconceito racial, é surpreendente a escolha de dois homens brancos para essa propaganda da prefeitura, mantendo uma certa hegemonia da população branca sobre a negra e dos homossexuais sobre as demais orientações que compõem a sigla LGBT. O entendimento de combate ao preconceito talvez fosse ampliado se na imagem estivessem dois homens negros⁴.

Há um outro aspecto importante nesse investimento na população por atacar o preconceito que diz de uma certa imagem da homossexualidade ligada ao casamento, à

⁴Após as manifestações contra a imagem-currículo inicialmente divulgada, a prefeitura de Salvador acaba publicando uma outra imagem no seu perfil no Instagram @prefsalvador com um casal negro e a seguinte mensagem: #VamoVirar o ano com mais beijo na boca e menos preconceito? Vamos! Até a produção deste texto, a imagem contava com mais de 41 mil curtidas e mais de 11 mil comentários. Mas essa ação não retira nossa análise sobre a escolha inicial da prefeitura em evidenciar um casal branco. Mostra, inclusive, as relações de poder que constituem um currículo.

formação de um casal aos moldes da heteronormatividade em relacionamentos monogâmicos e fixos. Se a imagem e a proposta da prefeitura podem ser vinculadas a um movimento do campo das relações de gênero, sexualidade e educação, voltado para o questionamento da heteronormatividade, ou seja, da ideia da heterossexualidade como norma, como algo “natural”, geradora de preconceitos e discriminações com as outras orientações sexuais, ela perde a oportunidade de também questionar a homonormatividade que, segundo Fernando Pocahy (2008), é a produção de uma norma homossexual, uma aproximação ao modelo heterossexual de monogamia e casamento capaz de alienar outras expressões da homossexualidade. Talvez seja mais fácil convencer a população a combater o preconceito contra casais homossexuais brancos, pois passariam uma ideia de “respeito”. A imagem aposta em uma ideia de casal que só é possível em função do investimento no social de uma respeitabilidade advinda de uma aproximação ao modelo heterossexual. Todo esse aparato nos conduz a entender que o conjunto da imagem (os dois homens brancos abraçados e as frases) disponibilizam formas de conhecimentos, saberes, valores, emoções, afetos e resistências ligadas às noções de gênero e sexualidade, contribuindo para a construção de sujeitos homossexuais ou não, além de fornecer significados a lugares, comportamentos, práticas e sujeitos.

As contribuições dos estudos da cultura visual até aqui discutidos permitem ampliar as possibilidades de exploração do currículo-imagem em funcionamento no período anterior à virada do ano de 2019 na cidade de Salvador. Nossa intenção foi fornecer ferramentas para delimitar a configuração dessa imagem e o contexto de sua emergência, bem como afirmar que ela não se produz sozinha, pois acionamos nossas memórias e os conhecimentos já produzidos para entender as provocações que ela suscita, incluindo as construções sobre gênero e sexualidade que nos constituem desde sempre. Dadas essas considerações, focamos no funcionamento dessa imagem-currículo.

Imagem-currículo

Salvador é uma das cidades brasileiras que mais recebe turistas na alta temporada de verão. Em 2020, a estimativa era que a cidade receberia 2,8 milhões de turistas entre o réveillon e o carnaval⁵. Dessa forma, podemos afirmar que a resposta à

⁵ Dados do levantamento da BRAZTOA - Associação Brasileira das Operadoras de Turismo, que apontam que a cidade teria, em 2020, o melhor período de visitação de turistas dos últimos 12 anos, fazendo com que Salvador configurasse entre a capital de maior visitação do Brasil. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/verao-2020-salvador-tera-maior-visitacao-de-turistas-dos-ultimos-12-anos/>>. Acesso em: 07 mar.2020.

pergunta - #VamosVirarUm2020SemPreconceito – envolvia os moradores da cidade e a todos/as que circularam pelas ruas nesse período, fazendo com que a proposta de um “2020 sem preconceito” fosse levada para além da cidade, ultrapassando territórios e temporalidades, visto que ela não se restringe ao período das festas. A proposta, então, não era somente um 2020 sem preconceito em Salvador, mas um 2020 sem preconceito de forma geral.

Dessa forma, a utilização dessa imagem-currículo e o investimento nos sujeitos a partir do olhar é o que focalizamos neste artigo para pensar que, na nossa sociedade atual, caracterizada como uma sociedade imagética, porque as imagens nos invadem, educam-nos, provocam-nos a pensar diferente, ensinam-nos modos de ser, de pensar e estar no mundo, tais imagens podem ser problematizadas como currículo.

Para o reforçar desenvolvimento dessa ideia de imagem-currículo, partimos do entendimento de que há uma intenção na imagem. Essa afirmação nos remete aos modos de endereçamento que “é um termo dos estudos de cinema, um termo que tem um enorme peso teórico e político” (ELLSWORTH, 2001, p. 11). Buscando ampliar o entendimento desse conceito para além do cinema, Ellsworth (2001) nos convida a pensar a educação a partir desse conceito, sobretudo a educação do olhar, daquilo que somos capazes de ver e significar, visto que o modo de endereçamento não está numa cena específica, mas em um diálogo. Enfim, ela nos propõe pensar o “modo de endereçamento menos como algo que está em um filme e mais como um evento que ocorre em algum lugar entre o social e o individual” (ELLSWORTH, 2001, p. 13).

Trazer essa imagem-currículo e dizer do seu investimento no sujeito evidencia que essa imagem-currículo está imersa em relações de poder, pois há uma intenção e até mesmo um cálculo no modo como ela é produzida e atuante. Conforme dito por Foucault (1988, p. 89), “não há poder que se exerça sem uma série de miras e objetivos”. Todo currículo, por sua vez, é “uma prática de significação produtiva, um artefato sempre envolvido com relações de poder” (PARAÍSO, 2010, p. 30). O alvo aqui pode ser provocar no sujeito inquietações acerca dos seus modos de pensar e dos modos como se relaciona com os/as outros/as e consigo mesmo.

Com esse intuito, a imagem-currículo em questão implica a participação desse sujeito provocado, sendo, então, acionada uma técnica de poder para que isso ocorra. Técnicas são os “procedimentos e os exercícios que usamos sobre nós mesmos e que os outros usam sobre nós nos processos de subjetivação” (PARAÍSO, 2007, p. 57). A técnica utilizada no currículo aqui investigado é a técnica do engajamento. Assim, o procedimento adotado é o emprego da *hashtag* na frase utilizada em composição com a

imagem-currículo: #VamosVirarUm2020SemPreconceito. Dessa forma, o sujeito é chamado para a ação, é demandado dele que não apenas reflita sobre algo, mas que manifeste sua reflexão. Isso porque a *hashtag* é um recurso utilizado no ciberespaço para agrupar e viabilizar determinada discussão. Ao utilizar uma palavra ou expressão junto a uma *hashtag*, o/a usuário/a pode criar um movimento e/ou juntar-se a ele.

Essa imagem-currículo constitui-se, nesse sentido, como um currículo conectado que não se encerra na imagem em si, porque, além de circular pela cidade e atingir públicos diferenciados ultrapassando os limites geográficos de Salvador, propõe-se a funcionar em rede, ou seja, continuar na internet. Um currículo conectado amplia suas forças nas relações de poder estabelecidas, pois se abre para o diálogo, mostra-se em movimento e incide mais diretamente sobre os sujeitos, porque os convoca a se envolver com sua proposta. Isso é algo que acontece com essa imagem-currículo, pois a partir dela foi produzido um movimento *on-line* de apoio e rejeição à sua proposta.

Dessa forma, essa imagem-currículo se manifesta em rede através da *hashtag* #VamosVirarUm2020SemPreconceito e se vincula às outras postagens na rede social Instagram da prefeitura de Salvador a qual reitera a mensagem inicialmente divulgada. Referimo-nos aqui à primeira imagem postada nessa rede, a de um casal gay negro se beijando no perfil @viradasalvador com a mensagem: “#VamoVirar o ano com mais beijo na boca e menos preconceito? Vamos!”, repostada no perfil @prefsalvador. E uma outra imagem de um casal de lésbicas e de gays também no perfil @viradasalvador com o seguinte: “Vai ter beijo de tudo quanto é jeito na Virada Salvador simmmmm. Poste sua foto usando #ViradaComRespeito e vamos deixar esse *feed* mais colorido. Os incomodados que lutem e aprendam: vamo virar 2020 sem preconceito”. Todas as fotos do perfil @viradasalvador constam com mais de 10 mil curtidas e a repostada pelo perfil @prefsalvador tem mais de 41 mil curtidas e mais de 11 mil comentários. Essa manifestação em rede evidencia que o alvo dessa imagem-currículo é, de certo modo, alcançado, pois as pessoas se inquietaram e se expressaram na rede a favor ou contra da campanha, demonstrando as disputas que constituem essa imagem-currículo, pois, mesmo que o objetivo tenha sido manifestações de apoio, isso não aconteceu na totalidade. Como um currículo é concebido por relações de força, os escapes e as fugas fazem parte de sua dinâmica.

Os currículos não estão desvinculados das relações sociais, as quais, no presente, precisam ser analisadas em conjunto com a Internet, visto que é também no ciberespaço que muitos currículos estão na disputa por outros significados que possam emergir entre aqueles pensados e possíveis. Dessa forma, “numa perspectiva menos topológica e

menos segmentada da dinâmica social, poderemos, quem sabe, ver também a cultura e o currículo como relações sociais” (SILVA, 2001, p. 21). Isso porque “produzimos significados, procuramos obter efeitos de sentido, no interior de grupos sociais, em relação a outros indivíduos e a outros grupos sociais” (SILVA, 2001, p. 21). Nesse sentido, torna-se inteligível que, na imagem-currículo em questão, seja acionada uma técnica que implique engajamento do sujeito no ciberespaço, fazendo repercutir os seus efeitos e atuação.

Olhar para essa imagem-currículo situada nas traseiras de ônibus que ficam parados, circulam, são acompanhados, passam e que, ao mesmo tempo, não estão delimitadas por esses modos de atuação – afinal estão também na internet –, é um encontro entre os saberes que nos constituem e os que somos obrigados a elaborar para responder à questão. É nesse encontro entre o social e o individual que cada um e uma é levado/a a responder algumas questões que se desdobram para além dessa que está estampada na imagem, como, por exemplo: eu quero um 2020 sem preconceito? Eu quero me desfazer dos preconceitos que me constituem e que me dão um lugar? O que tenho que fazer para construir um 2020 sem preconceito?

Temos, nessa imagem-currículo, uma primeira questão geral problematizada que instaura fendas nas verdades estabelecidas. Nesse sentido, essa imagem-currículo carrega consigo a potência da imagem em si: “sua estranha capacidade enquanto uma imagem fixa, não de representar o movimento da realidade ou a realidade do movimento, mas talvez de conjugar, ou até conjurar um outro plano de movimento e sentido” (AMORIM, 2012, p. 55). Esse plano, de acordo com Head (2009, p. 61),

consistiria não do movimento das coisas, mas das relações entre as coisas – e não das relações cognitivas ou “estruturais” com que poderíamos fixar estas relações, mas das relações perceptivas e afetivas que tanto animam quanto assombrom o mundo enquanto vivido, e desestruturam os nossos saberes. A potência da imagem fotográfica seria cristalizada a partir da dissolução enquanto algo meramente fixo – o que faz com que, longe de se opor ao fetiche em si, ela dependa de seu poder (HEAD, 2009, p. 61).

Dessa forma, uma imagem-currículo nunca é algo meramente fixo. Ela é puro movimento, porque carrega consigo essa potência provocativa, vivaz, flexível. É uma imagem-currículo que se desloca, que está aqui e ali ao mesmo tempo. Esse é um movimento de ruptura e de atravessamentos potentes, sejam eles os dos ônibus atravessando a cidade e alcançando os olhares ou os atravessamentos nas redes do ciberespaço. É um movimento, porque a imagem-currículo não investe em uma afirmação, pois sua convocação para um engajamento é uma pergunta e todo

questionamento denota mobilidade, cinesia, deslocamento. Temos, assim, uma imagem-currículo movediça, inquieta, que está em curso incitando aqueles que passam a pararem por um momento e que essa parada seja útil para mover o pensamento e as verdades já construídas.

Esse movimento diz muito sobre a engendrada correlação com a verdade com a qual essa imagem-currículo está implicada. Investir em uma pergunta que instaura uma série de outras perguntas, mais dúvidas do que respostas, diz da aposta em verdades outras que não aquelas já narradas, estruturadas e fixas. Pretende-se, assim, desestabilizar os conceitos previamente estabelecidos a respeito dos casais homossexuais e instaurar questões que sirvam de reflexão. Abre-se uma lacuna nos conhecimentos arraigados, cria-se uma zona de desconforto e há dúvidas. Estamos diante de uma imagem-currículo que incita, provoca e desestrutura.

Nesse sentido, ao trazermos essa imagem-currículo, corroboramos com a ideia de que “as imagens abrem para a educação a intensidade da criação, da invenção e propõem, em diferentes perspectivas, o esgotamento do possível como referente para o aparecimento do novo” (AMORIM, 2012, p. 55). E isso se dá no investimento que essa imagem-currículo faz no questionamento, na tensão, como também no engajamento demandado ao sujeito para que ele se implique nas questões que ela produz, tornando-as também suas.

Não são simplesmente relações sociais provocadas pela técnica do engajamento acionada que estão em funcionamento na imagem-currículo analisada, mas aquilo que Silva (2001) chama de relações sociais de poder. A produção de sentido em torno das homossexualidades e do que é ser homossexual, nesse currículo, é assimétrica, tendo em vista que diversos discursos disputam de forma desigual aquilo que se pretende afirmar como verdadeiro, como legítimo em torno dessas questões e de como vivê-las. Assim, “relações de poder são, ao mesmo tempo, resultado e origem do processo de significação” (SILVA, 2001, p. 23).

Nesse sentido, a pergunta proposta por essa imagem-currículo, ao provocar tensão nas verdades estabelecidas acerca das homossexualidades, objetiva conduzir os sujeitos de determinadas formas. São relações de forças que estão em luta para que determinados significados sejam instaurados através da questão produzida. No entanto, podemos também localizar, nessa luta, “o caráter incerto, indeterminado, incontido do processo de significação, [que] por sua vez, faz com que o resultado dessa luta não seja, nunca, garantido, previsível. As relações de poder dirigem o processo de significação; elas, entretanto, não o esgotam, não o realizam plenamente” (SILVA, 2001, p. 23). É

possível declarar, então, que é próprio do currículo esse caráter de contestação, de conflito e de disputa. Dessa forma, os efeitos nem sempre são os desejados. No currículo aqui investigado, por exemplo, nota-se que algumas pessoas alcançadas não se permitiram pensar sobre as verdades já produzidas sobre as homossexualidades, porque a campanha foi alvo de polêmicas nas redes sociais⁶.

Essas problematizações podem sugerir o seguinte questionamento: o que quer essa imagem-currículo? A proposição sobre o que quer um currículo foi inicialmente sugerida por Sandra Corazza. A autora pensa sobre o funcionamento de uma suposta prosopopeia atrelada ao currículo, já que está operando com quererdes desse artefato. Ela, então, tensiona essa pergunta central para nos indagar se tal ideia não seria uma forma de animar o currículo "com uma espécie de individualidade humana que além disto, é habitada por apetites, anseios, vontades e desejos" (CORAZZA, 2001, p. 9). Como conclusão de seu pensamento, a autora afirma que é possível localizar os quererdes de um currículo, pois ele é uma linguagem. Assim, podemos identificar nele "significantes, significados, sons, imagens, conceitos, falas, línguas, posições discursivas, representações, metáforas, metonímias, ironias, invenções, fluxos, cortes" (ibidem) ou pode ser o próprio currículo uma imagem, tal qual defendemos aqui. Como toda essa composição curricular é histórica e socialmente construída, aquilo que é possível localizar nele é apenas uma entre tantas possibilidades, as quais também dependem do interesse daquela/e que irá analisá-lo.

Dessa maneira, as questões "o que eu quero (queremos nós) com um currículo, como ser falante? O que posso (podemos) fazer com isto?" são importantes a se pensar. Além dessa multiplicidade que é possível ao perguntar sobre os quererdes de um currículo, é necessário estar atento/a para o fato de que seja qual for ou como opera "invariavelmente, quando perguntado, um currículo costuma responder que quer um sujeito, que lhe permita reconhecer-se nele. Por isso, qualquer currículo, seja ele qual for, tem 'vontade de sujeito'" (CORAZZA, 2001, p. 15). Assim, a imagem-currículo aqui investigada também quer um sujeito e talvez seja um sujeito questionador, problematizador, que pense reiteradamente acerca das verdades que o constitui e o faz ter conceitos pré-concebidos sobre as relações homossexuais, por exemplo.

Talvez seja possível dizer que há diferentes imagens das homossexualidades, mas também uma imagem da homossexualidade que a construiu como homogênea, fixa e coerente. Diferentes grupos culturais e sujeitos criam, mobilizam, adotam e recriam essa imagem em suas relações por meio de significados, conceitos, ideias, práticas,

⁶ Para mais detalhes, confira: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2019/12/casal-gay-estampa-campanha-do-reveillon-de-salvador-e-gera-polemica>. Acesso em: 8 mar. 2020.

sentimentos e emoções nos seus modos de viver homossexualidades. Esses modos estão em disputa nos currículos, fazendo dele um espaço de conflito, negociação e contestação por aquilo que é bonito, legítimo e autorizado.

Por isso, essa imagem-currículo também investe em um entendimento de homossexualidade e em um tipo específico de homossexual: um casal branco. Sendo constituído por relações de poder, o currículo produz também aquilo que está na margem, quando, inicialmente, não escolhe um casal negro para protagonizar o movimento, dizendo, assim, quais modos de vida que devem ser invisibilizados: casais negros e lésbicos, por exemplo. Porém, esses tensionamentos e provocações por modos outros de se relacionar com as homossexualidades e fissuras que essa imagem-currículo faz no pensamento heterossexual podem “possibilitar desorganizações e desterritorializações necessárias ao processo de criação” (PARAÍSO, 2008, p. 118) e isso pode ser potente em um currículo, pois indica multiplicidades, caminhos não traçados e possibilidades de vidas, podem indicar outros modos de olhar para os pensamentos construídos sobre a homossexualidade. Ver de outros modos é uma prática de não aprisionamento, como considera Larossa (1994, p. 83):

Nosso olhar, inclusive naquilo que é evidente, é muito menos livre do que pensamos. E isso porque não vemos tudo o que o constrange no próprio movimento que o torna possível. Nosso olhar está constituído por todos esses aparatos que nos fazem ver e ver de uma determinada maneira. Que se propõe um autor que pretende romper as evidências, mostrando a trama de sua fabricação [...], aquilo que está oculto pela potência mesma de sua luminosidade? Talvez nos ensinar que nosso olhar é também mais livre do que pensamos. [...] Talvez o poder das evidências não seja tão absoluto, talvez seja possível ver de outro modo (LARROSA, 1994, p. 83).

A partir desse movimento de outras possibilidades de olhares provocados por uma imagem-currículo podemos explorar conexões com outros modos de sentir para pensar e imaginar as homossexualidades, traçando seu caráter inventivo, contingencial e discursivo. Pensar essa imagem-currículo, dessa forma, é vê-la como uma crítica que provoca ruídos, desconforto, que desassossega olhares, pois os olhos lançados sobre essa imagem são forçados a ver, por certo, uma imagem que não lhe é rotineiramente comum. A conjunção com a frase-problema adensa a tensão que se quer provocar outros encontros férteis para a produção de outras verdades e outros sujeitos. Os sujeitos são, assim, convocados a não somente ver a imagem-currículo, mas fazer-se ver, fazer-se olhar, fazer-se olho. Eles podem voltar para si, quando se afetam e fixam o olhar na imagem-currículo, buscar para si outras narrativas e posicionamentos e/ou desfazer os conceitos constituídos.

Considerações finais

O encontro dos estudos da cultura visual com o campo curricular aqui criado por nós nos possibilitou explorar neste texto uma imagem-currículo provocante, móvel. Por meio dela, pode-se suscitar rearranjos nos modos como pensamos educação e os próprios sujeitos. Fomos aqui convidados/as a olhar as imagens que circulam pela cidade e que nos alcançam enxergando seu potencial educativo, naquilo que ela pode instaurar, modificando o que é visto e dito, o que se vê e o que se diz, o que se faz e o que se pode fazer. Enfim, o que nós defendemos, ao longo do texto, é que a imagem-currículo atua sobre os sujeitos, ou seja, ela está inscrita nas relações de poder ou mesmo detém certo poder em comunicar a necessidade de atacar o preconceito que passa pela sua força em comunicar a dor dos "outros", de maneira que aquele e aquela que vê seja capaz de mudar sua avaliação política a respeito das homossexualidades e do preconceito.

As imagens-currículo que povoam nosso cotidiano podem introduzir questionamentos, fabricar lacunas no pensamento, produzir perguntas que habitam brechas, à espreita do inesperado, de sujeitos que se afetem por sua proposta de (re) pensamento. Além disso, podem estimular desavenças naquilo que já está dado, organizado e estruturado. Como nos lembra Butler (2018a, p. 106), para "que se comuniquem dessa maneira de forma eficaz, as fotografias devem ter uma função transitiva: devem atuar sobre os espectadores de modo que influenciem diretamente os tipos de julgamento que esses espectadores formularão sobre o mundo". A imagem-currículo mobilizada aqui por nós é um entrelugar para acionar as discussões sobre como os sujeitos se constituem em relação a uma série de artefatos educativos e midiáticos, que lhes indaga e lhes interpela. A imagem-currículo circula pela cidade, bem como por diferentes veredas do conhecimento quando incita a produção de verdades outras. Ainda é preciso reafirmar que ela não circula sozinha, mas faz o próprio pensamento circular e, portanto, o próprio sujeito. Portanto, criam-se outras visualidades, porque se cria com ela uma imagem diferente daquelas singularmente comuns e repetidas.

Em se tratando de uma imagem que envolve homossexualidades e posturas diante dessa expressão de sexualidade, a propaganda analisada é também uma imagem que está envolvida em uma reação moral. Ela evoca uma moral que nos organiza diante dela ao mesmo tempo que evoca outra postura moral capaz de acolhermos a proposta e atacarmos o preconceito. Uma imagem que fala em nome de uma prefeitura é, portanto, uma imagem autorizada, produzida por uma instituição pública, que atende aos requisitos defendidos por essa instituição e que amplia seu poder visto. Devido a isso,

constrói um sentido tanto para a ação sobre o preconceito e as homossexualidades como para a prefeitura e para a cidade. Para que a proposta da prefeitura seja eficaz, ou seja, para que ela provoque uma reação moral em favor do fim do preconceito relacionado às homossexualidades, ela deve ser capaz não somente de chocar, mas, sobretudo, de nos fazer colocar sob suspeita nossas formas de pensar, acionando nosso sentido de obrigação moral por justiça e igualdade.

Referências

AMORIM, A. C. Imagens para Nilda Alves; Nilda Alves entre imagens. **Revista Teias**. v. 13, n. 29, p. 47-59, n. especial, 2012.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performática de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2018.

_____. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018a.

BERINO, A. de P.; Carvalho, C. R. de; PASSOS, M.; ALVES, N.; SGARBI, P. Sobre conversas. In: MACEDO, E; MACEDO, R. S; AMORIM, A. C. R. (Orgs.). **Discurso, texto e narrativa nas pesquisas em currículo**. Campinas: FE/Unicamp; Anped, 2009. Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/gtcurriculoanped/documentos/LivroDigital_Amorim2009.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

CORAZZA, S. M. **O que quer um currículo?** Pesquisas pós-críticas em educação. São Paulo: Vozes, 2001.

DIAS, B. Açoitamentos: os locais da sexualidade e gênero na arte/educação contemporânea. **Visualidades**: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual/ Faculdade de Artes Visuais, v. 4, n. 1 e 2, Goiânia: UFG, p. 101-132, 2006.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GIROUX, H. A. A disneyzação da cultura infantil. In: SILVA, T. T. da; MOREIRA, A. F. B. (Org.) **Territórios contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 2001.

HEAD, S. Olhares e feitiços em jogo: uma luta dançada entre imagem e texto. In: GONÇALVES, M. A; HEAD, S. (Org.). **Devires imagéticos**: a etnografia, o outro e suas imagens. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009. p. 36-67.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MARTINS, R. Porque e como falamos da cultura visual? **Visualidades**: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual/ Faculdade de Artes Visuais, v. 4, n. 1 e 2, Goiânia: UFG, p. 65-80, 2006.

PARAÍSO, M. Pesquisas Pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, m. 122, p. 283-303, 2004.

_____. **Currículo e Mídia Educativa Brasileira**: poder, saber e subjetivação. Chapecó: Argos, 2007.

_____. Composições curriculares: culturas e imagens que fazemos e que nos fazem. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.9, n. esp., p.108-125, out. 2008.

_____. Currículo e formação profissional em lazer. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). **Lazer em estudo**: Currículo e Formação Profissional. Campinas (SP): Papyrus. 2010a.

_____. Contribuições dos Estudos Culturais para o currículo. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 10, n. 55, p. 53-61, jan./fev. 2004.

SILVA, T. T. da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

POCAHY, F. Marcas do poder: o corpo (do) velho-homossexual nas tramas da hetero e da homonormatividade. **Fazendo Gênero 8**. Florianópolis, 2008.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995.

ⁱ Licenciado e Bacharel em História, mestre em Educação, doutor em Educação e Pós-doutor em Educação e Cultura Visual, Coordenador do Grupo de estudos e Pesquisa em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade (GESED). Professor da Faculdade de Educação da UFJF, professor permanente do PPGE/UFJF.

ⁱⁱ Licenciado em Letras, Mestre em Educação e Doutorando em Educação pela UFMG. Membro do GECC - Grupo de estudos em Currículo e Cultura.

Como citar esse artigo:

FERRARI, Anderson; OLIVEIRA, Danilo Araújo de. #VAMOVIRARUM2020SEMPRECONCEITO? – imagem-currículo e cultura visual. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 13, n. 2, p. 14-33, mai./ago. 2020.